



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

ALBERTO SOUZA (1880-1961): OS ROSTOS DA REPÚBLICA NA IMPRENSA DA ÉPOCA

Conferência apresentada por António Valdemar (Jornalista e membro da Academia das Ciências de Lisboa)* – Recensão Crítica, por Maura Pessoa.

Alberto Souza (AS), aguarelista, ilustrador e desenhador português, faleceu há 50 anos, na Rua de São Bento, em Lisboa. Como pano de fundo, projectado numa tela, o diapositivo apresentou, numa primeira imagem, o auto-retrato de AS.

António Valdemar (AV) iniciou a sua comunicação referindo que chegou a conhecer esta notável figura: “na altura, AS frequentava a Brasileira do Chiado, onde se sentava sempre na mesma mesa do café juntamente com o seu amigo de toda a vida, Gustavo Matos Sequeira, e também Júlio Peres».

Consagrado como **um dos principais aguarelistas do século XX**, AS evidenciou-se a partir de 1901; recebeu uma medalha de Honra, na inauguração da Sociedade Nacional de Belas Artes, com a apresentação de um conjunto de aguarelas numa exposição colectiva.

AS trabalhou na Litografia de Portugal com o seu grande mestre, **Roque Gameiro (1864-1935)**, pintor e desenhista português, naturalista, especializado na arte da aguarela. A litografia, processo de impressão plana, foi uma técnica de gravura muito difundida na segunda metade do século XIX, utilizada sobretudo para reprodução de desenhos e aguarelas.

«A primeira geração de aguarelistas será com Ricardo Hogan (1843-1891) e com Manuel Macedo (1839-1915). AS pertenceu à segunda geração, na grande linhagem de Roque Gameiro, que deu um grande estatuto e amplitude à aguarela. Desta segunda geração, fazem parte ainda Alfredo Moraes (1872-1971), um dos mais prolíficos ilustradores portugueses, e Alves de Sá (1878-1972), que exerceu episodicamente a magistratura e para além da aguarela se dedicou à cerâmica, realizando muitos trabalhos de decoração em azulejo que se encontram em vários pontos do país, nomeadamente na entrada no Governo Civil de Lisboa», assegurou AV.

AS distinguiu-se também como **investigador da gravura**. Recolheu testemunhos relevantes de diversas gravuras de artistas estrangeiros que

* Conferência apresentada na Hemeroteca Municipal de Lisboa (a 14 de Dezembro de 2011) no âmbito das **Comemorações do II Aniversário do Bairro Alto**.

estiveram em Portugal desde o século XVII ao século XIX. No entanto, na aquarela ele retratou monumentos, paisagens e figuras. A figura e a paisagem, regra geral, servem para enquadrar o monumento.

«AS é efectivamente um **dos mais ignorados repórteres gráficos da república**, dos seus projectos, das suas lutas e do seu quotidiano. Ele teve uma colaboração assinalável n' *O Mundo* de França Borges, na *Vanguarda* de Magalhães Lima e foi um dos fundadores d' *A Capital*. Além disso, AS teve uma presença significativa na revista *Serões* de Manuel José da Silva e na revista *Ilustração Portuguesa*, de Carlos Malheiro Dias», sublinhou AV.

Se AS foi um discípulo de Roque Gameiro na aquarela, como interpretação da paisagem, como representação de monumentos, como expressão e repositório de figuras portuguesas, **no que respeita ao grafismo, à ilustração e ao design dos jornais foi um continuador da escola de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)**, colaborando em três publicações fundamentais: *António Maria* e *Pontos nos ii*, e na revista *A Paródia*. Os dois primeiros periódicos representaram uma crítica à Monarquia, enquanto *A Paródia* preparou o lançamento do projecto da República.

«Na caricatura e cartoon, AS representou a segunda parte do agonizar da Monarquia, quando o jornal *O Mundo* era o órgão fundamental da expressão da República. Esta mudança de regime foi protagonizada no jornal *O Mundo*, órgão da Maçonaria, na *Vanguarda* e num outro jornal importantíssimo, *O Paiz* de Joaquim Meira e Silva, órgão da Carbonária» esclareceu AV.

AS participou no **I Salão dos Humoristas** no Grémio Literário que reuniu os jovens e os antigos caricaturistas. Participaram também Jorge Barradas (1894 - 1971, Almada Negreiros (1893- 1970), entre muitos outros artistas. Manuel Cardoso Martha (1882- 1958) foi quem organizou o I e II Salão dos Humoristas, ex-seminarista, professor da Escola Fonseca Benevides, coleccionador fantástico, um homem extraordinário, poeta razoável, uma grande figura humana.

«No II Salão dos Humoristas, em 1913, estabeleceu-se porém uma ruptura e grande polémica. Christiano Shepard Cruz (1892-1951), cidadão de Leiria, veterinário, ligado ao desenho gráfico e de humor, chama AS de “Bota-de-elástico”, sendo esta expressão extensível a todos os artistas que seguiam a linha de Rafael Bordalo Pinheiro. Christiano Cruz tem na pintura e no desenho uma expressão gráfica completamente diferente. É uma nova expressão do desenho e caricatura que se estabelece, separando novos e velhos; é o começo de uma *guerrilha* que se vai travar até 1958 na primeira exposição de artes plásticas da Gulbenkian, que põe termo à grande polémica entre vanguarda e tradição».

Segundo AV, *O Manifesto Anti-Dantas*, panfleto satírico da autoria de Almada Negreiros, veio travar uma grande guerra artística e literária, mas também política. Almada aproximava-se muito da Monarquia, tinha relações com monárquicos e com o Estado Novo, identificando o seu trabalho com alguns pressupostos ideológicos e estéticos do regime, atacando Júlio Dantas devido à sua viragem política, da Monarquia para a República, que vem assinalada nas últimas páginas do relatório de Machado dos Santos, intitulado *Revolução Portuguesa* (1907 - 1910).

“Almada chegou ainda a acusar AS como o “O Dantas da Pintura”, mas nada disso o amachucou e AS prosseguiu inalteravelmente a sua carreira na aquarela, no desenho, na ilustração, em tudo o que ele fez”, recordou AV.

AV chamou também a atenção para um facto muito pouco conhecido. Os vultos republicanos que não se encontram no desenho de imprensa estão retratados no antigo dicionário Lello Universal. AS é um dos grandes colaboradores da editora Lello, reproduzindo o desenho das grandes figuras nacionais e estrangeiras e nesse dicionário podemos encontrar todas essas personalidades tratadas por AS.

“AS é um gráfico e quer n’ *O Mundo* quer n’ *A Capital* fez o mapa de Portugal para dar expressão às percentagens eleitorais e para que se pudesse localizar quais as votações conseguidas pelo Partido Republicano numa série de locais, nomeadamente em Lisboa. Ele foi um gráfico para além de todos os outros méritos”, sintetizou AV.

AS foi um dos mais notáveis artistas portugueses a reconstituir o Regicídio, nomeadamente nos *Serões* e na *Ilustração Portuguesa*, desenhando com rigor toda a cena, a tragédia, a rainha e a morte, representando no desenho o que não foi possível captar na fotografia, dando a imagem gráfica que correu o mundo, da cena trágica de 1 de Fevereiro de 1908.

“Mas é sempre a República e o seu imaginário o que predomina na obra gráfica de AS, ele acompanha os grandes acontecimentos e fixa a iconografia da República, representando, por exemplo, o Congresso dos Municípios, acontecimento importantíssimo publicado na primeira página d’ *O Mundo*”, notou AV.

AV destacou ainda o desenho simbólico do *Portugal Novo*, graficamente saudado por AS, que saiu igualmente na primeira página d’ *O Mundo*, assim como todos os outros episódios que vão surgindo no meio das revoluções e que AS vai tratar: “são as primeiras lutas para a consolidação da República, as vítimas da revolução, é o Assassinato de Bombarda, é o suicídio do Almirante Carlos Cândido dos Reis, é a *Vassourada*, entre muitos outros. A partir daqui, AS tem uma expressão gráfica muito mais alargada do que nos desenhos de Bordalo, sentimos quase que uma explosão de alegria e de movimento”.

AS retratou grandes figuras da República, como Joshua Benoliel, o repórter fotográfico da República, e Hermano Neves (1884-1929), autor dos primeiros livros com a reportagem da revolução republicana.

“É todo esse imaginário que em traços rápidos eu aqui trouxe, graças à benevolência da Hemeroteca Municipal, do seu director e dos seus colaboradores, que esta casa presta hoje homenagem na memória de AS, ao completarem-se 50 anos sobre a data da sua morte. Muitos destes acontecimentos, paisagens e reconstituições, podem hoje não ser expressões artísticas, mas indiscutivelmente são documentos, documentos de uma Lisboa que se modificou, documentos de um país que é outro, documentos de monumentos que desapareceram mas que fazem parte indissociável de uma existência colectiva, da memória de um povo”, concluiu AV.

Lisboa, 22 de Dezembro de 2011.